



PSICANÁLISE

Rosine Jozef Perelberg

Pai assassinado, pai morto

Revisitando o complexo de Édipo

Blucher

PAI ASSASSINADO, PAI MORTO

Revisitando o complexo de Édipo

Rosine Jozef Perelberg

Tradução

Claudia Starzynski Lima

Pai assassinado, pai morto: revisitando o complexo de Édipo
Título original: *Murdered Father, Dead Father: Revisiting the Oedipus Complex*
© 2015 Rosine Jozef Perelberg
© 2021 Editora Edgard Blücher Ltda.
Imagem da capa: iStockphoto

Publisher Edgard Blücher
Editor Eduardo Blücher
Coordenação editorial Jonatas Eliakim
Produção editorial Bárbara Waida, Bonie Santos, Isabel Silva, Luana Negraes
Preparação de texto Ana Maria Fiorini
Diagramação Negrito Produção Editorial
Revisão de texto Cristine Akemi
Capa Leandro Cunha

Blucher

Rua Pedroso Alvarenga, 1245, 4º andar
04531-934 – São Paulo – SP – Brasil
Tel.: 55 11 3078-5366
contato@blucher.com.br
www.blucher.com.br

Segundo o Novo Acordo Ortográfico, conforme
5. ed. do *Vocabulário Ortográfico da Língua
Portuguesa*, Academia Brasileira de Letras,
março de 2009.

É proibida a reprodução total ou parcial por
quaisquer meios sem autorização escrita da
editora.

Todos os direitos reservados pela Editora Edgard
Blücher Ltda.

Dados Internacionais de Catalogação
na Publicação (CIP)
Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Perelberg, Rosine Jozef

Pai assassinado, pai morto : revisitando o
complexo de Édipo / Rosine Jozef Perelberg;
traduzido por Claudia Starzynski Lima. – 1. ed.
– São Paulo : Blucher, 2021.

344 p.

Bibliografia

ISBN 978-65-5506-063-8 (impresso)

ISBN 978-65-5506-315-8 (eletrônico)

1. Psicanálise. 2. Freud, Sigmund. I. Título.
II. Lima, Claudia Starzynski.

20-0487

CDD 150.195

Índices para catálogo sistemático:

1. Psicanálise

Conteúdo

Agradecimentos	9
Prefácio de Gregorio Kohon	15
Introdução	21
PARTE I	
Função paterna: considerações teóricas e clínicas	31
1. Pai assassinado, pai morto: revisitando o complexo de Édipo	33
2. Um pai é espancado	67
PARTE II	
Terceiridade e temporalidade	99
3. Função paterna e terceiridade na psicanálise e no mito: o futuro terá sido previsto?	101
4. O inquietante: terceiridade e temporalidade	129

PARTE III

O complexo de Édipo é universal? 141

5. O enigma do Édipo na psicanálise e na antropologia social 143

6. A função estruturante do complexo de Édipo 185

PARTE IV

O assassinato do pai morto 231

7. O assassinato do pai morto como *habitus* 233

Pós-escrito 265

Glossário 267

Referências 279

Índice remissivo 317

1. Pai assassinado, pai morto: revisitando o complexo de Édipo¹

Este livro recupera a ideia do sacrifício da sexualidade como o elemento central e trágico da estrutura edípica, uma noção que tem sido em grande medida abandonada pela literatura psicanalítica. Freud foi elaborando progressivamente o papel do pai em sua obra. Em *Estudos sobre a histeria* (Freud, 1893-1895), ele enfatizou a importância de uma sedução real por parte do pai nas pacientes do sexo feminino; em *A interpretação dos sonhos* (Freud, 1900), fantasias inconscientes são descobertas; em *Totem e tabu* (Freud, 1912-1913), ele introduziu a noção da distinção entre o pai assassinado e o pai morto; e em *Moisés e o monoteísmo* (Freud, 1939), lançou sua noção de uma função paterna mais abstrata. Este livro traça a

1 Este título foi inspirado no livro *Meurtre du père, sacrifice de la sexualité* (Pai morto: sacrifício da sexualidade), editado por Maurice Godelier e Jacques Hassoun (1996), embora meus pontos de vista diverjam dos deles, como será demonstrado neste capítulo. Este artigo foi apresentado pela primeira vez no simpósio sobre “O Pai Morto”, organizado pela Association of Psychoanalytic Medicine, em Nova York, em abril de 2006. Agradeço o convite a Lila Kalinich e Stuart Taylor (ver Kalinich e Taylor, 2009). Uma versão mais curta deste capítulo foi publicada em Perelberg, 2009b.

linha de desenvolvimento dessas transformações teóricas e clínicas e sugere que elas nos permitem compreender de forma mais abrangente o complexo de Édipo proposto por Freud.

Lacan foi o primeiro psicanalista a conferir *status* conceitual ao termo *pai morto*, utilizado por Freud em *Totem e tabu*, estabelecendo a equação entre o pai simbólico e o pai morto.² Essa linha de pensamento foi posteriormente desenvolvida por Rosolato (1969) ao diferenciar o pai idealizado do pai morto. Stoloff (2007) traça o desenvolvimento progressivo na obra de Freud em direção a um delineamento da função paterna (ver também Green, 2009), mas foi Jacques Hassoun (1996) quem propôs a diferença conceitual entre o *pai assassinado* e o *pai morto* explorada neste capítulo. A passagem de um a outro inaugura a lei e a genealogia (Hassoun, 1996, p. 17). Se a *história* de Édipo representa o primeiro, a história do pai assassinado e do parricídio como uma fantasia infantil universal, o *complexo* de Édipo representa o segundo – a instituição do pai morto como o terceiro simbólico. A mudança do pai assassinado para o pai morto representa a tentativa de regulamentar o desejo e institui o sacrifício da sexualidade. Daí por diante, certos tipos de parentesco ficam excluídos do campo das trocas sexuais, fato que constitui um balizador crucial da origem da cultura.³ Dentro do grupo humano, a sexualidade é social e também psíquica e

2 Lacan afirma: “As reflexões de Freud levaram-no a estabelecer uma ligação entre o surgimento do significante do Pai, como o autor da Lei, e a morte – na verdade, o assassinio do Pai – demonstrando, assim, que se esse assassinato constitui o momento fértil pelo qual o sujeito vincula-se eternamente à Lei; o *Pai simbólico*, na medida em que significa essa Lei, é verdadeiramente o *Pai morto*” (2006, p. 557).

3 Godelier (2004) desafiou as afirmações de Freud e Lévi-Strauss que vinculam incesto e exogamia. Jack Goody (2005) assinalou, no entanto, que o livro de Godelier não nega a afirmação de que o tabu do incesto é universal no aspecto de que em cada sociedade há uma categoria de pessoas excluídas do campo das trocas sexuais.

não pode nunca ser reduzida ao campo da biologia. A noção de *sacrifício* é central para a compreensão do complexo de Édipo; indico as conexões entre o pai morto, o sacrifício da sexualidade e o complexo de Édipo. Também examino como Freud discutiu a questão da transmissão da fantasia do pai morto no corpo de sua obra. Embora Freud tenha enfatizado a ideia de transmissão filogenética, ele também sugeriu a relevância do inconsciente do Outro na transmissão de fantasias e estruturas psíquicas.

Essas ideias estão ligadas, de forma fundamental, à progressiva centralidade do complexo de Édipo nas formulações freudianas. Segundo Green, o complexo de Édipo constitui a primeira estrutura simbólica, básica, e inclui uma rede de conceitos como o assassinio do pai, o estabelecimento do ideal do eu, identificação, supereu, perda, castração, de-sexualização e sublimação (Green, 1992, 2004; ver também Kohon, 2005b). O complexo de Édipo retraduz, retrospectivamente, experiências anteriores em termos de *après-coup* (Perelberg, 2006). Essas ideias contrastam com as formulações de Klein: é a mãe (ou sua perda) que está na origem da simbolização (Klein, 1945); o pai é um “apêndice” da mãe, e o pênis torna-se um substituto do seio (Kohon, 1999; Kristeva, 2001). Para Freud, o pai é indispensável como uma presença na mente da mãe, mas essencialmente como o terceiro elemento que institui a proibição do incesto na relação com a mãe (ver também Britton, 1989). Neste capítulo, mais adiante, discutirei dois exemplos clínicos. No primeiro, podemos identificar uma estrutura perversa na qual o pai foi “assassinado”; no segundo, verificamos a progressiva construção, no processo analítico, do pai morto como pai simbólico.

Seguindo o caminho do pensamento de Freud, podemos discernir alguns passos significativos em sua obra, da descoberta do relacionamento ambivalente com o pai ao estabelecimento do pai morto, simbólico.

A interpretação dos sonhos: *em direção ao complexo de Édipo*

Foi por meio da análise de seus próprios sonhos que Freud descobriu a natureza ambivalente dos sentimentos em relação aos pais: por um lado, os desejos incestuosos a eles dirigidos e, por outro, o desejo de matá-los. Na interpretação de seus sonhos, e também dos de seus pacientes, Freud descobriu os sentimentos assassinos que todo filho nutre por seu pai. O estudo dos mitos, da cultura e da antropologia conferiu *status* universal a essa descoberta. Ele cita, então, a mitologia grega como evidência da universalidade dos sentimentos hostis entre pais e filhos:

Todos éramos talvez predestinados a voltar nosso primeiro impulso sexual para a nossa mãe e nosso primeiro ódio e desejo violento contra o pai; nossos sonhos nos convencem disso. O Édipo rei, que matou seu pai, Laio, e se casou com sua mãe, Jocasta, é apenas a realização do desejo da nossa infância. Desde então, porém, contanto que não tenhamos nos tornado psiconeuróticos, temos sido mais felizes em desprender nossos impulsos sexuais da nossa mãe e em esquecer nosso ciúme do nosso pai. (Freud, 1900, pp. 303-304)⁴

Esse relato violento é reencontrado na história pessoal (inconsciente) de cada indivíduo:

4 Quando há informação de página, a menos que haja indicação expressa do contrário, as citações referentes aos textos de Freud foram extraídas da coleção *Obras Completas* (Companhia das Letras, 2010), com tradução de Paulo César de Souza. Essa tradução serve também de base para a escolha dos termos da obra de Freud ao longo de todo o livro. As citações sem informação de página foram traduzidas por mim [N.T.].

Se o menino pode dormir ao lado da mãe quando o pai está viajando e, após seu retorno, precisa voltar para o quarto que ele compartilha com uma pessoa que lhe agrada muito menos, forma-se facilmente nele o desejo de que o pai se ausente para sempre, para que ele possa ficar com seu lugar ao lado da querida e linda mamãe, e, evidentemente, um meio de realizar esse sonho é a morte do pai, pois uma coisa a experiência lhe ensinou: Pessoas “mortas”, como por exemplo, o avô, estão sempre ausentes, nunca mais voltam. (Freud, 1900, p. 299)

Freud escreveu seu livro dos sonhos após a morte de seu próprio pai. No prefácio à segunda edição de *A interpretação dos sonhos*, ele mesmo indicou:

Para mim, este livro tem ainda outro significado subjetivo, que só pude compreender após terminá-lo. Ele se revelou como parte da minha autoanálise, como minha reação à morte de meu pai, ou seja, ao evento mais significativo, à perda mais pungente da vida de um homem. (Freud, 1900, p. 17)

Se há a presença de um trabalho de luto na escrita do livro, este expressa também uma experiência de libertação, como Freud deixou implícito em suas próprias palavras: “Muitas vezes o médico observa que a dor causada pela perda do pai não consegue abafar no filho a satisfação de finalmente haver conquistado a liberdade” (Freud, 1900, p. 297).

Este livro é considerado o marco do nascimento da psicanálise e da descoberta do trabalho do inconsciente. Em sonhos como o da *monografia botânica* e o da *injeção de Irma*, o que se descobre

é a natureza de nossos desejos inconscientes, proibidos. Anzieu dá especial atenção aos quatro sonhos de Freud sobre Roma, interpretados, no livro dos sonhos, como expressando a viagem de Freud rumo à descoberta do complexo de Édipo. Os sonhos de Roma caem em dois grupos: no primeiro, Roma é vista de longe: é tanto uma terra perigosa como prometida; no segundo, Freud sonha que está em Roma (Anzieu, 1986, p. 183). Anzieu sugere que os temas cruciais nesses sonhos são o desejo incestuoso de Freud pela mãe, o medo da punição e a “identificação heroica com aqueles que fazem no momento do sucesso” (p. 205). Os sonhos de Roma também foram considerados por Anzieu (1986) e Conrad Stein (1967, 1968) como parte do trabalho de luto de Freud pela morte do pai (Anzieu, 1986, p. 210).

Quando alguém sonha com a morte do pai ou da mãe, do irmão ou da irmã, manifestando grande dor, jamais usarei esse sonho como prova de que deseja sua morte agora. A teoria dos sonhos não exige tanto; ela se contenta em deduzir que essa pessoa – em algum momento de sua infância – lhe desejou a morte. Temo, porém, que essa restrição não contribuirá muito para acalmar meus opositores; é provável que contestem com a mesma veemência a possibilidade de haverem pensado assim, tal como se sentem seguros de não nutrirem esse tipo de desejo no presente. Preciso, portanto, reconstituir parte da vida infantil com base nos testemunhos que o presente ainda nos oferece. (Freud, 1900, p. 289)

Embora Freud não tivesse ainda desenvolvido completamente a noção de complexo de Édipo, ainda assim ele fala nesse texto de um “complexo paterno”, marcado por sentimentos ambivalentes

em direção ao pai e pelo desejo de possuir a mãe. Sonhos na vida adulta em torno de sentimentos ambivalentes em relação ao pai estão enraizados nos conflitos inconscientes da infância, como a seguinte passagem indica:

Enquanto cuidava do pai doente, o filho desejara repetidas vezes a morte do pai, isto é, tivera o pensamento piedoso de que a morte pusesse um fim àquele martírio. Durante o luto, esse desejo ditado pela paixão se tornou uma recriminação inconsciente, como se tivesse contribuído para encurtar a vida do enfermo. O redespertar dos primeiros impulsos infantis contra o pai permitiu expressar essa recriminação na forma de um sonho. (Freud, 1900, p. 475)

Em *A interpretação dos sonhos*, Freud estudou sua própria relação com o pai e seus sentimentos de rivalidade dirigidos a ele. Mas será em *Totem e tabu* que Freud irá construir um mito sobre a origem da cultura. Entre essas duas obras, opera-se uma passagem entre a elaboração do papel do pai real e o processo de internalizá-lo para a compreensão do papel do pai simbólico, visto agora como o “pai morto”, constituído por meio da internalização do papel das gerações e representante da lei e da cultura.

Totem e tabu: a noção de uma “pessoa completa”

Em *Totem e tabu*, Freud descreveu o parricídio primordial cometido pela horda original que matou e devorou o pai, que possuía todas as mulheres e reinava pelo terror. Culpa e remorso seguiram-se a esse assassinio (uma vez que os filhos tanto amavam como odiavam o pai). Além do mais, embora todos os irmãos tivessem

conseguido se unir para matar o pai, confrontaram-se, então, com uma situação em que cada um deles queria todas as mulheres para si. A fim de impedir sua própria destruição, instituíram a lei do incesto, negando a eles próprios o acesso sexual a suas mães e irmãs. Essa proibição inaugurou a exogamia e a reciprocidade e representa a origem da sociedade.

Matar o pai traz a percepção de que essa *renúncia e sacrifício* precisa acontecer em prol da sobrevivência da sociedade. Está na origem do contrato social: o núcleo inconsciente de todas as religiões torna-se o “complexo parental”, com ênfase nos sentimentos ambivalentes de amor e ódio ao pai. Freud argumenta que esse é o início da sociedade, da cultura e da religião. Muitos anos depois, ao escrever sobre Moisés, Freud de fato viria a afirmar: “As religiões podem ter sido inventadas como antídotos aos desejos assassinos humanos” (1939).

O pai morto, agora constituído como um pai simbólico, no entanto, tornou-se mais poderoso do que havia sido quando vivo, e como aquele que possui o falo, é o representante do ideal do eu e da lei (proibição):

O morto tornou-se mais forte do que havia sido o vivo; tudo como ainda hoje vemos nos destinos humanos. Aquilo que antes ele impedira com sua existência eles proibiram então a si mesmos, na situação psíquica da “obediência a posteriori”, tão conhecida nas psicanálises. Eles revogaram seu ato, declarando ser proibido o assassinio do substituto do pai, o totem, e renunciaram à consequência dele, privando-se das mulheres então liberadas. (Freud, 1912-1913, p. 219)

Essa passagem vincula algumas das noções desenvolvidas neste capítulo: a ligação entre o pai morto, o falo e a lei; a noção de sacrifício (renúncia a determinada categoria de parentesco) e o ideal do eu na sua relação com a regulamentação da sexualidade. Isso será posteriormente discutido no Capítulo 6.

Essas ideias receberiam maior profundidade e suporte antropológico na obra de Claude Lévi-Strauss, que apontou a universalidade do tabu do incesto nas sociedades humanas. A proibição do incesto é encontrada em todos os grupos sociais, mesmo que de uma sociedade para outra varie a categoria de parentesco proibida. A obra de Lévi-Strauss separa, firmemente, a universalidade do tabu do incesto da biologia, especialmente quando explora a distinção que muitas sociedades fazem entre o casamento entre primos paralelos e o casamento entre primos cruzados – no primeiro caso trata-se do casamento de filhos de irmãos do mesmo gênero, o segundo entre a prole de irmãos de diferentes gêneros. Enquanto o primeiro caso é proibido em muitas sociedades, o segundo é muitas vezes favorecido, ainda que, de um ponto de vista ocidental, ambos os conjuntos de primos tenham a mesma distância biológica em relação ao indivíduo. Lévi-Strauss argumenta que o tabu do incesto é “o passo fundamental” pelo qual se dá a passagem da natureza para a cultura: “Ativa a formação de um tipo novo e mais complexo de estrutura . . . Provoca e é em si o advento de uma nova ordem” (Lévi-Strauss, 1967, p. 25).

Assim, matar o pai está ligado à noção de que os filhos irão, a partir daí, renunciar às mulheres de seu próprio grupo – suas mães e irmãs – e procurar casamento em outro grupo: essa é a origem da exogamia. Entretanto, ao instituir a lei – que é a lei do *pai morto* –, o pai torna-se, então, mais poderoso do que havia sido quando vivo.

Essas são ideias familiares aos antropólogos, que chamaram a atenção para o fato de que em muitas sociedades tradicionais, o indivíduo só se torna uma pessoa completa após morto e transformado em um ancestral (fálico). Entre os tallensi de Gana, por exemplo, a categoria de pessoa completa é restrita aos homens mortos. O totem de um indivíduo não significa uma pessoa completa. Esse é um *status* adquirido depois do período de vida – mais especificamente, somente depois da morte. A autoridade parental também se torna maior depois da morte do pai, por meio das práticas totêmicas. Entre os tallensi, por exemplo, o crocodilo é compreendido como a encarnação de um ancestral, e matar um crocodilo é considerado um crime especialmente hediondo (Fortes, 1949; ver também Fortes, 1973; Lévi-Strauss, 1973, 1977). Há uma equação entre o ancestral e o ideal do eu. O que se está discutindo aqui é a distinção entre o indivíduo biológico e a categoria socialmente definida da pessoa, tema que permeia a literatura antropológica desde o famoso artigo de Mauss sobre a noção da pessoa (Mauss, 1938; ver também Dos Santos & Deoscoredes, 1971; Mauss, 1921). A pessoa é uma categoria socialmente adquirida, o que em muitas sociedades requer a observância de rituais, como impedimentos totêmicos.⁵

5 Em outro lugar discuti a similaridade entre as noções dos tallensi sobre a pessoa e as ideias de Freud sobre ao descentramento do sujeito em termos de eu, supereu e id (Perelberg, 1980). A psicanálise tampouco considera o “eu” como expressão da pessoa completa, dado ao papel fundamental do id e do supereu. O totem pode ser compreendido como uma expressão vívida do ideal do eu.

O eu e o id: movimento em direção à função paterna

Vinte e três anos após *A interpretação dos sonhos*, em *O eu e o id* (1923a), Freud apresentou a ideia da identificação primária com o pai da pré-história, acrescentando, entretanto, que esse termo representa os pais tomados como um todo – nem o pai, nem a mãe, mas ambos. Há uma guinada em direção à função parental:⁶ “. . . serão gerais e duradouros os efeitos das identificações iniciais, sucedidas na idade mais tenra. Isso nos leva de volta à origem do ideal do Eu, pois por trás dele se esconde a primeira e mais significativa identificação do indivíduo, aquela com o pai da pré-história”. (Freud, 1923a, p. 38).

Embora a noção do ideal do eu pareça ser substituída pela de supereu, uma distinção entre os dois pode ainda ser mantida. O ideal do eu precede o investimento objetal. Por trás dele se esconde a primeira e mais importante identificação com o pai da pré-história. O ideal do eu torna-se o substituto do “anseio pelo pai”, o que é diferente da função de proibição que será representada pelo supereu.

Opera-se uma mudança na obra de Freud entre *Totem e tabu* e esse texto. Enquanto o primeiro enfatizava o pai real, esse texto move-se no sentido de uma noção mais abstrata da função parental. A distinção entre identificação primária, que precede o objeto, e identificação secundária, vinculada à renúncia ao objeto, institui a diferença entre o *pai narcísico* (discutido por Freud como o pai da pré-história) e o *pai morto* (Stoloff, 2000, 2007).

6 “Talvez seja mais seguro dizer ‘com os pais’ porque antes da criança ter chegado ao conhecimento definitivo da diferença entre os sexos, a falta do pênis, ela não faz uma distinção valorativa entre seu pai e sua mãe” (Freud, 1923a, p. 31, nota de rodapé 1).

Moisés e o monoteísmo

Moisés e o monoteísmo (Freud, 1939) representa o apogeu da obra de Freud sobre o pai e articula suas concepções sobre o papel de Deus nas religiões monoteístas, especialmente no judaísmo e no catolicismo. Estabelece uma ligação entre a função paternal e o monoteísmo nos termos de um deus todo-poderoso que é também invisível e não acessível pelos sentidos. Coloca-se, então, uma questão sobre os vínculos entre os dois – o deus invisível e o vínculo invisível que liga uma criança a seu pai e, em última instância, à função paterna, que não pode ser confundida com a realidade biológica de mãe e pai (Freud, 1939; para uma discussão acadêmica deste processo, ver Stoloff, 2007).

Sob a influência de fatores externos que não precisamos examinar aqui, e que, em parte, também não são conhecidos suficientemente, ocorreu que a ordem matriarcal foi substituída pela patriarcal – ao que se ligou, naturalmente, uma grande reviravolta nas condições jurídicas existentes até então . . . Mas essa mudança da mãe para o pai caracteriza, além disso, uma vitória da espiritualidade sobre a “sensorialidade”, ou seja, um avanço cultural, pois a maternidade é demonstrada pelo testemunho dos sentidos, enquanto a paternidade é uma suposição baseada numa inferência e numa premissa. Tomar partido dessa forma, pondo o processo de pensamento acima da percepção dos sentidos, mostrou-se um passo prenhe de consequências. (Freud, 1939, pp. 157-158)

Nesse texto, Freud não considera que a função materna seja semelhante à função paterna, e não leva em conta o papel da mãe no processo de ajudar a criança a simbolizar. Entretanto, Freud considera essa função em outros textos, como discuti anteriormente (Perelberg, 1998a, 2007). Aqui, ele destaca a irredutibilidade do pai ao reino dos sentidos e enfatiza que o pai, como o deus monoteísta, é invisível e abscondito. Ele é o mistério ao qual se ligam as ausências da mãe (ver Botella & Botella, 2001; Braunschweig & Fain, 1975; Stoloff, 2007). Além do mais, o monoteísmo também enfatiza a existência de uma lei que é universal e, assim, oposta ao universo narcísico. O que está em questão é a “invenção de um novo conceito de pai, que insiste em sua função legislativa” (Stoloff, 2007, p. 100). É o ponto mais alto do caminho de Freud na criação e na conceitualização do pai morto e sua função na criação e manutenção da lei. Rosolato considerou essa distinção em termos daquela entre o pai narcísico (o pai da pré-história de *Totem e tabu*) e o pai simbólico, apresentado de forma mais ampla em *Moisés e o monoteísmo*, este último possibilitando o estabelecimento da lei contra o incesto e a exogamia: “Todo indivíduo renunciou a seu ideal de ter para si a posição de seu pai e possuir sua mãe e irmãs” (Rosolato, 1969, pp. 36-58).

A distinção entre o pai narcísico (assassinado) e o pai morto (simbólico) está presente em muitos relatos sobre a fundação de sociedades (ver Capítulo 5).

Transmissão do pai morto

Se o assassinio do *pai narcísico* e a instituição do complexo do *pai morto* encontram-se na fundação da ordem social, como são transmitidos de geração a geração como uma proibição? No conjunto de sua obra, Freud alternou entre enfatizar explicações biológicas,

filogenéticas e hereditárias, ressaltando, em contraste, a relevância do objeto em um processo de transmissão inconsciente.

René Käs (1993) sugeriu que o tema da transmissão é central na obra de Freud e que há um paradoxo no cerne da questão da necessidade do indivíduo de estar não apenas no centro de si próprio, mas, simultaneamente, ser um elo na cadeia entre as gerações (ver Perelberg, 1995b). A questão principal passa então a ser: como o elo entre as gerações pode se tornar presente na formação da psique e nas suas estruturas e processos fundamentais?

Käs propõe que alguns caminhos na obra de Freud iluminam essa transmissão. Essa questão está presente ao longo de toda a obra de Freud, desde *Estudos sobre a histeria* (Freud, 1893-1895), passando por “Análise terminável e interminável” (1937) e *Moisés e o monoteísmo* (1939). Essa linha de debate refere-se à etiologia das neuroses e sua transmissibilidade psíquica (1896). Um outro caminho, segundo Käs, inaugurou-se com *A interpretação dos sonhos* (1900), sempre ligado à histeria – a saber, transmissão inconsciente via identificação com o objeto ou a fantasia do desejo do Outro. *Totem e tabu* (1912-1913) indicou uma outra alternativa, o tabu, a culpa e a culpabilidade transmitidos de geração em geração. *Psicologia das massas e análise do eu* (1921) e *O eu e o id* (1923a) enfatizam a questão da identificação. O trabalho de Käs ilustra a rede de conceitos presentes na obra de Freud conectados com a questão da transmissão.

Mesmo em *Totem e tabu*, no qual a herança genética é enfatizada, Freud sugeriu uma outra dimensão de transmissão que pode ser compreendida nos termos daquilo que Green denominou de “*disposição a re-adquirir*”. Fantasias primárias são re-atualizadas por meio da experiência individual (Green, 2002b). Considere, por exemplo, a seguinte passagem, na qual Freud inicia enfatizando a herança filogenética:

Então surgem duas novas questões: o quanto pode ser atribuído à continuidade psíquica na sequência de gerações, e de quais meios e caminhos serve-se uma geração para transmitir à geração seguinte os seus estados psíquicos. Não direi que tais problemas estejam suficientemente esclarecidos ou que a tradição e a comunicação direta, em que primeiramente se pensa, bastem para o exigido. Em geral, a etnopsicologia pouco se ocupa da maneira como se produz a requerida continuidade na vida psíquica das gerações que se sucedem. Uma parte da questão pode ser resolvida pela herança de disposições psíquicas. (Freud, 1912-1913, p. 240)

Essa é uma das ideias controversas colocadas por Freud em alguns de seus trabalhos, como “História de uma neurose infantil” (1918), sobre sua análise do “Homem dos Lobos”. No entanto, Freud acrescenta algo que abre caminho para uma nova perspectiva:

. . . de que caminhos e meios servem-se uma geração para transmitir à geração seguinte os seus estados psíquicos? Não direi que tais problemas estejam suficientemente esclarecidos ou que a tradição e a comunicação direta, em que primeiramente se pensa, bastem para o exigido. Em geral, a etnopsicologia pouco se ocupa da maneira como se produz a requerida continuidade na vida psíquica das gerações que se sucedem. Uma parte da questão pode ser resolvida pela herança de disposições psíquicas, que, porém, necessitam de determinados ensejos na vida individual para se tornarem efetivas. (Freud, 1912-1913, p. 240, grifos meus)

Isso é remanescente àquilo a que Bion posteriormente virá a se referir como *pressuposições esperando por realização* (Bion, 1963, p. 23). Nessa formulação, o papel do objeto torna-se fundamental. Freud acrescentou mais tarde:

Pois a psicanálise nos ensina que cada qual possui, em sua atividade mental inconsciente, um aparelho que lhe permite interpretar as reações de outra pessoa, isto é, desfazer as deformações que o outro realizou na expressão de seus sentimentos. Por essa via de compreensão inconsciente de todos os costumes, cerimônias e estatutos deixados pela relação original com o pai primeiro, também as gerações posteriores podem ter assumido esta herança afetiva. (Freud, 1912-1913, p. 241)

Isto está na base da abordagem psicanalítica da questão da transmissão inconsciente: aquilo que é transmitido do adulto para a criança, da mãe para o bebê, ocorre inconscientemente. Fantasias inconscientes, repressão primária e identificação primária (com ambos os pais, como a afirmação de Freud indica) sugerem que o bebê nasce numa estrutura triangular que o precede, e é no contexto dessa estrutura que formará suas identificações. O que se destaca é o *desejo inconsciente dos pais*. A intensidade da experiência de sedução depende da capacidade dos pais, especialmente da mãe, de modular seu desejo (Braunschweig & Fain, 1975). Essa perspectiva adquire força na literatura psicanalítica francesa e é pouco enfatizada na tradição psicanalítica britânica (ver Laplanche, 1997; Laplanche & Pontalis, 1968, 1985).

A transmissão das fantasias inconscientes dos pais põe a criança em uma relação com a estrutura inconsciente do “outro”, o que inclui a repressão que já se operou. Isso sugere a importância de

uma “repressão suficientemente boa” das fantasias assassinas (bem como incestuosas) presentes na mente da mãe.

A função da mãe no processo de simbolização foi assinalada por diversos autores, incluindo Winnicott (1971a, 1971b), Bion (1970), Braunschweig & Fain (1975), Aulagnier (1975) e Stoloff (2007). Os artigos de Käes, Faimberg, Enriquez e Baranes (1993) mostram as consequências quando essa repressão não ocorre na maternagem do futuro paciente psicótico. Nessa mesma coletânea de artigos, Faimberg (1993) introduz seu conceito de “telescopiação de gerações” (*telescoping of generations*) – um conceito clínico que indica um tipo especial de identificação inconsciente, alienante, que condensa três gerações e só se revela na transferência. Está ligado a uma configuração narcísica específica, na qual a noção histórica está ainda por ser introduzida no trabalho interpretativo. Ela salienta o fato de que a transmissão entre gerações é, com frequência, o objeto invisível na psicanálise (ver também Faimberg, 2005).

Freud enfatizou o papel da linguagem no processo inconsciente de transmissão, como na seguinte passagem de *Moisés e o monoteísmo*:

Este parece ser, então, um exemplo seguro de lembrança arcaica oriunda da época do desenvolvimento da linguagem, mas outra explicação ainda poderia ser buscada. Seria possível dizer que se trata de conexões de pensamento entre ideias, conexões que se estabeleceram durante o desenvolvimento histórico da linguagem e que têm que ser repetidas a cada vez que o indivíduo desenvolve a linguagem. Então seria um caso de herança de uma predisposição de pensamento, assim como há predisposição instintual, e novamente não repre-

sentaria uma nova contribuição para nosso problema.
(Freud, 1939, p. 139)

Não se abre aqui um espaço para o papel do inconsciente do outro na transmissão de fantasias? Essa transmissão está conectada com *Hilflosigkeit*, o estado de desamparo do bebê recém-nascido, e encontra-se na origem da experiência de ansiedade (Freud, 1926). Laplanche e Pontalis indicam algumas linhas de investigação no pensamento psicanalítico que se desdobraram a partir dessa noção (1985, p. 190). Primeiro, está intrinsecamente ligada ao papel fundamental da “experiência de satisfação, a satisfação alucinatória do desejo”. Em segundo lugar, a total dependência da mãe é contrabalançada pela onipotência da mãe, o que ressalta a enorme importância que aquela outra pessoa tem para o bebê. Em terceiro lugar, na configuração da segunda teoria da angústia, o desamparo se torna o protótipo da “situação traumática”: “O principal determinante da angústia automática é a ocorrência de uma situação traumática; e a essência desta é a experiência de desamparo por parte do Eu face ao acúmulo de excitação com a qual não pode lidar, seja de origem externa ou interna” (Freud, 1926, p. 81).⁷ E: “. . . ‘a situação atual me lembra uma das vivências traumáticas já sofridas. Por isso antecipo esse trauma, vou me comportar como se ele já tivesse chegado, enquanto ainda há tempo de afastá-lo’ . . . Portanto, a angústia é, de um lado, expectativa do trauma, e, de outro, repetição atenuada do mesmo” (Freud, 1936, p. 116). Nessa segunda teoria, Freud sugeriu que o sinal de angústia está conectado ao medo da perda e da separação que o indivíduo não consegue suportar e que é sentido como devastador. A perda do objeto está na origem da dor, bem como da angústia e do desejo (Pontalis, 1977, p. 20).

⁷ Tradução minha [N.T.].

Portanto, a mãe é a fonte da experiência de prazer do bebê. Isso se dá na intimidade do contato com o corpo dela. É fundamental a intensidade “certa” de erotismo, que não seja excessivo, superexcitando a criança, ou muito escasso, sem um investimento erótico do bebê, tão importante para o relacionamento deste com seu próprio corpo. No entanto, inevitavelmente a mãe oscila entre “excesso de satisfação e excesso de frustração” (Green, 1986b, p. 246).

Veja, por exemplo, esta passagem, em que Freud escreve sobre Leonardo da Vinci:

O amor da mãe ao bebê de que cuida e amamenta é algo bem mais profundo que sua posterior afeição pela criança que cresce. É da natureza de uma relação amorosa plenamente satisfatória, que realiza não apenas todos os desejos psíquicos, mas também todas as exigências físicas, e, se representa uma das formas de felicidade alcançável pelo ser humano, isto se deve, e não em pequena medida, à possibilidade de satisfazer sem recriminações desejos há muito reprimidos e que devem ser denominados perversos. Ainda nos mais felizes matrimônios jovens o pai sente que o bebê, sobretudo o filho homem, tornou-se seu rival, e esse é o ponto de partida de um antagonismo profundamente enraizado no inconsciente. (Freud, 1910, p. 191)

Essa dimensão erótica está na base daquilo a que Laplanche se referiu como a sedução da criança pelo adulto, por intermédio da enigmática mensagem enviada, unilateralmente, pelo adulto para a criança e que será encontrada no âmago das “fantasias primárias”. O pai intervém como o terceiro elemento nessa dualidade, e não necessariamente como uma presença real, como muitos autores já

assinaram; ele é também o pai na mente da mãe. O fato de o terceiro não ser necessariamente o pai pode ser também verificado no título do famoso seminário de Lacan: “Des noms du père”, no plural (Lacan, 2005). *Existem múltiplas terceiras dimensões que não podem ser reduzidas à presença empírica do “pai”*.⁸ Green já havia assinalado que a estrutura edípica constitui um triângulo aberto, em que o terceiro é passível de ser substituído (Green, 1992, p. 131, 2004).

A transmissão inconsciente na relação entre mãe, pai e criança está presente nas estruturas sociais e inclui as proibições fundamentais do incesto e do parricídio (Stoloff, 2007, p. 4). A descoberta do desejo de matar o pai é um dos escândalos da psicanálise, junto com a descoberta da sexualidade infantil.

Dois breves exemplos clínicos ilustram as distinções que tenho explorado neste capítulo. Em ambos, encontramos uma perturbação da função parental: no primeiro, uma negação do pai morto (um exemplo do pai assassinado); no segundo, o pai morto é substituído no processo analítico.

Karl: o pai assassinado

A principal informação que Karl⁹ trouxe sobre si na primeira consulta foi sua relação especial com sua mãe. Karl está com 20 e poucos anos, o pai abandonara a mãe quando ela estava grávida dele. A mãe casou-se quando ele ainda era bebê, e esse homem adotou Karl como um filho. Embora o casal tenha tido uma filha três anos depois, Karl estava convencido de ser a pessoa mais importante da

8 Parece estranho este seminário ter sido ministrado na mesma noite em que Lacan recebeu a notícia de sua expulsão como analista didata da International Psychoanalytical Association (IPA), o que em si pode ser interpretado como um outro assassinio do pai (ou do filho).

9 Esse exemplo é discutido mais longamente em Perelberg, 1999a, 1999b.

família para a mãe. Ao mesmo tempo, sentia que a mãe era incapaz de tolerar sua sexualidade ou, menos ainda, o fato de ele ser um homem. A mãe costumava lhe dizer que gostaria que ele fosse gay, porque os gays nunca abandonam suas mães.

O padrasto foi violento com ele ao longo de toda a sua infância, e com frequência batia na sua cabeça. Ele se lembra de sentir medo. No final da adolescência, Karl resolveu estudar artes marciais, e sentia que o pai passou a ter medo dele e parou de bater nele.

Um ano depois de entrar na faculdade, Karl procurou ajuda no departamento de psicoterapia. Queixava-se de dificuldades de relacionamento com os colegas, que se envolvera em brigas com os tutores na universidade e voltara a morar com os pais. Somente após alguns meses de análise revelou-se toda a extensão de seu comportamento violento. No período em que veio para a análise, Karl estava envolvido com criminosos perigosos, dentre os quais alguns foram presos (um deles por assassinato), outros se feriram em brigas com faca, e dois se suicidaram.

Na análise, Karl tentava fugir de uma experiência de perder completamente a cabeça toda vez que conseguia ser compreendido por sua analista. Ele acreditava que deixaria de existir se não se retirasse. Quando a analista o compreendia, ele tinha de desaparecer não vindo às sessões por um tempo. No começo da análise, isso se expressava principalmente nos estados de sono nos quais Karl mergulhava, dos quais não conseguia acordar, fosse por vários despertadores ou pelos gritos da mãe. Podia desaparecer das sessões por uma semana, por exemplo, sem se dar conta de que esse tempo tinha passado desde a última sessão.

Karl foi gradualmente revelando como era difícil para ele manter contato com pessoas reais vivas, uma vez que isso envolvia certo grau de frustração, violência e terror simplesmente intoleráveis para ele. No entanto, à medida que crescia sua confiança na relação

analítica, seus pensamentos e interações agressivas fora das sessões foram se tornando mais vivamente presentes nos relatos durante as sessões. Algumas vezes, ele me inundava com descrições de comportamentos de extrema violência.

Karl começou a me contar, também, sobre seus anseios e fugas de encontros com mulheres. Parecia-me que sua violência fantasiada e real dirigida aos homens protegia-o de seu terror das mulheres. Estes dois aspectos – a violência contra outros homens e sua dificuldade de se relacionar com mulheres – pareciam formar um par, e ele mesmo não podia deixar de perceber a simultaneidade desses relatos, já que eu a assinalava de forma consistente nas sessões. Naquela fase, sentia-me capaz apenas de dizer que sua violência parecia ser consequência de seu medo de minha intrusividade na transferência. Ele respondeu contando-me que tinha conseguido uma arma e munição, que deixava em casa. Ao falar sobre isso, foi ficando cada vez mais claro que ele mantinha uma parte de si mesmo, e a mim, como reféns, aterrorizados por sua destrutividade potencial. Inevitavelmente minhas interpretações tinham sua raiz na angústia que eu sentia na contratransferência, o que me permitiu mostrar-lhe que ele precisava saber se conseguia me aterrorizar como uma forma de proteger a si mesmo do medo que sentia de mim. Minhas interpretações fizeram com que ele se livrasse da arma, mas isso o deixava sem o poder de me aterrorizar, fazendo com que se sentisse perdido, abandonado e profundamente deprimido. Para compensar sua depressão, intensificou os relatos de atividades criminosas. Ele reconheceu conscientemente, sem se dar conta inicialmente daquilo que estava me fazendo saber, que era mais fácil para ele vir às sessões depois de encontros criminosos perigosos. Suas atividades criminosas serviam, portanto, para distanciá-lo de mim, e embora tivessem muitos determinantes, um aspecto transferencial era seu desejo de evitar um relacionamento emocional significativo.

Numa sessão em que começara a falar mais sobre sua infância, Karl cometeu um ato falho e disse: “O problema do meu padrasto é que ele não consegue tolerar a ideia de que ele não estava presente quando fui concebido. Éramos *apenas minha mãe e eu, ele não estava lá*”. Ele então parou, ele mesmo surpreso com o que tinha acabado de dizer. Karl expressava, assim, uma crença de estar presente em sua própria concepção, da qual o padrasto estava excluído. Essa crença fazia com que ele se sentisse como vivendo em um mundo onde apenas ele e a mãe existiam desde o início, um mundo onde ele se sentia tratado como uma extensão dos desejos da mãe. Nessa mesma sessão, Karl disse ter acabado de compreender algo que mudaria sua vida. Ele tinha razão, porque marcou um importante ponto de virada na sua análise, e, a partir daí, pôde vir às sessões com maior regularidade.

Alguns meses depois dessa sessão, relatou um sonho em que *procurava por seu pai, mas, mais uma vez, aparecia a mãe*. Sentia-se encerrado em um mundo criado pela mãe, no qual percebia que qualquer pergunta relacionada ao pai era bloqueada. Karl afirmou que aquele era um pensamento muito poderoso, e também estranho, mas que ele jamais pensara em si mesmo como tendo um pai biológico. A violência de Karl era uma forma de lutar contra o desejo de sua mãe num sistema em que não havia a experiência de um pai. Foi no curso de sua análise que Karl conseguiu ter o que chamou de “sua primeira relação com penetração” na vida.

Green assinala: “O pai está inscrito [na situação triangular] como um elemento de falta. Esse fator essencial na estruturação da relação mãe-criança deriva do lugar ocupado pelo pai na mente da mãe. Depende, mais precisamente, de como ela o situa em relação às fantasias edípicas de sua própria infância” (Green, 1992, p. 134).

O *setting* analítico, com suas estruturas e regras, permitiu que ele acessasse, de forma progressiva, uma experiência de proibição

que pôde internalizar. Esse processo possibilitou o aparecimento de seu pai, primeiro por intermédio de um ato falho, que depois permitiu que ele tivesse um sonho. A partir daí foi possível vir às sessões com regularidade, protegido pela experiência das normas do *setting*. É importante observar que, após alguns anos de análise, Karl pôde encontrar seu pai biológico pela primeira vez na vida, viajando, para tanto, ao país onde ele então vivia. Karl permaneceu em análise por dez anos. Na nossa última sessão, ele me disse que tinha certeza de que teria de fato se tornado um assassino se não tivesse vindo para a análise.

Patrick: a construção do pai morto

No segundo ano de sua análise, Patrick¹⁰ falou sobre um sonho: *estava numa casa, escondendo-se de um leão que já não estava em sua melhor forma. Estava também hesitante e temeroso de ir para o quarto de Peril* [seu irmão, mas também sua analista]. Nessa sessão surgiu, de forma muito hesitante, um relato de uma cena sexual entre os irmãos. Nas sessões que se seguiram a essa, o pai, que morrera quando Patrick era muito pequeno, apareceu na transferência com mais força. Era a experiência da ausência de um pai que levou ao sentimento de não ter sido possível ser detectado pelo leão/pai que permitiu que a relação sexual entre os irmãos acontecesse. Essa experiência introduziu o pai de forma mais significativa e pré-consciente na situação de transferência.

Na sessão de segunda-feira, dois anos após a sessão relatada anteriormente, fez uma referência a Tiger Woods, cujo pai falecera recentemente. O tema do conflito desdobrou-se ao longo de toda a semana, com referência ao irmão e a um colega de trabalho de

10 Discuto esse exemplo mais longamente em Perelberg (2007).

Patrick com o qual vinha entrando em conflito. Ciúmes, raiva e desejo foram temas que emergiram progressivamente.

Segue-se um apanhado do material de uma semana em torno do quarto ano de sua análise:

Um sonho que Patrick trouxe para a sessão de segunda-feira permitiu-me assinalar uma dupla camada na sua relação comigo: havia afeição e agressão em seu desejo de manter-se ligado a mim de forma amorosa, não me deixar ir, mas ele também estava cheio de ódio. Houve, na sessão, uma outra associação ligada ao seu anseio pelo pai.

No dia seguinte trouxe um sonho em que uma colega do trabalho distraiu-se com uma ligação telefônica do marido durante o expediente, o que o enfureceu. Dirigiu-se ao seu chefe (o diretor do departamento), e entre eles surgiu um sentimento sexual. Também me contou sobre uma discussão com um colega do trabalho [Robert], que em seguida sofreu um acidente de carro. Patrick sentiu raiva e medo frente à ideia de que poderia ter exercido tamanho impacto sobre o colega. Essa experiência foi relacionada à situação analítica e à sua vivência de exposição e perigo no momento em que se aproximava a interrupção de férias na análise. Estava aterrorizado com o que poderíamos fazer um ao outro. Estava bravo com sua analista autocentrada que tirava férias, provavelmente com seu marido, bem no transcorrer do trabalho. Havia muitos fios nessa sessão, mas o central eram as duas versões de si próprio: o chefe do departamento e o homem ferido. Será que o único modo de lidar com o ciúmes heterossexual é voltar-se para a homossexualidade? Poderia dar

conta de seus sentimentos assassinos direcionados a mim, a meu marido, à ligação telefônica/interrupção de férias, ou havia o perigo de que esse ódio levasse à violência ou a um acidente? Subjacente a tudo isso estava o medo da identificação com um pai violento, e a equação entre potência e violência.

Patrick continuou expressando sua raiva contra seu colega na sessão de quinta-feira. Contou-me então sobre o jogo de tênis muito disputado com seu irmão no dia anterior, e como se exauriram. (A alusão era tanto a algo erótico quanto a uma batalha.) Ficou quieto por um momento, e ambos ficamos imersos nesse silêncio, sentido como pleno de trepidação. Contou-me, então, como muitas vezes sentira raiva do irmão no passado.

Na sessão de sexta-feira, Patrick trouxe um sonho no qual um homem estava sendo espancado, talvez assassinado. Nas suas associações tornou-se claro que esse homem estava ligado a seu pai, e meu comentário foi: “um pai está sendo espancado até a morte”. Esse tipo de interpretação “aberta” sugeria, em vez de estabelecer, os vínculos entre o pai interno, o pai externo e eu mesma no *après-coup* da transferência.¹¹ Seguiu-se um longo silêncio, no qual senti que muito estava sendo processado. Ele então disse: “Acho que esse é um processo extraordinário... Perceber como eu ficava com raiva de Peril [o irmão] em casa, a confusão entre Robert, Peril e você nesta semana... E agora meu pai!

11 A distinção que faço entre interpretações “abertas” e “fechadas” (Perelberg, 2003, 2008) encontra um paralelo na distinção de Parsons entre aquelas que ele sugere estarem na ponta mais “próxima” ou mais “distante” do espectro (Parsons, 2000, p. 194).

Fiquei surpreso por ter usado a palavra “agourento” [*ominous*, em inglês] para me referir a meu relacionamento com Peril, como você assinalou. É como se eu estivesse dizendo que algo no passado armazenou problemas para o futuro...”

Revisitando o complexo de Édipo

Pode ser apropriado aqui revisar o trabalho de Godelier (1996) que inspirou o título deste capítulo. Godelier percebe a separação entre desejo e reprodução no desenvolvimento da sexualidade humana como consequência da perda do cio na mulher, o que, por sua vez, tornou a relação sexual independente da reprodução (pp. 27-28). Desejo e potencial para trocas sexuais generalizadas, que a partir daí passaram a ser possíveis, representavam uma ameaça à sociedade e à reprodução das relações sociais. Havia, assim, uma contradição entre sociedade e sexualidade. Godelier sugere que o *sacrifício da sexualidade* que se instalou então é o sacrifício do potencial para a troca sexual generalizada e resulta da repressão do aspecto associal da própria sexualidade. Godelier enfatiza um tipo de explicação sociológica para o sacrifício da sexualidade: a sociedade submete o desejo à ordem social e coloca a sexualidade reprodutiva sob o controle da sociedade.

Se quero manter a noção de Godelier de sacrifício, preciso, ao mesmo tempo, relacioná-la à noção de que é o sacrifício dos desejos incestuosos que Freud coloca no centro de seu pensamento. Não é necessário postular uma contradição entre essas duas posições. Geertz afirmou há muitos anos que os homens são um produto da cultura: “A cultura, em vez de ser, por assim dizer, acrescentada a um animal pronto, ou virtualmente pronto, foi ingrediente, e um

ingrediente central, na produção desse animal” (1973, p. 47). No entanto, camadas diferentes estão sendo enfatizadas.

Ao longo deste capítulo, segui o caminho de Freud em sua formulação do papel do pai na constituição da cultura. De sua hipótese sobre o papel do pai real nos sintomas histéricos até a noção do papel do pai no inconsciente, passando pela análise dos sonhos e pelo mito fundante sobre as origens da cultura e o estabelecimento da lei do pai morto em *Totem e tabu*, a obra de Freud é prova de sua preocupação com o papel do pai e do complexo de Édipo. As noções de sacrifício (aos desejos incestuosos inconscientes no tabu do incesto), de desejo (pelo objeto primário que, por definição, não pode ser satisfeito)¹² e de identificação (com ambos os pais) foram progressivamente construídas na obra de Freud.

Se revisitarmos agora o complexo de Édipo à luz do que foi comentado neste capítulo, verificamos estar presente, de forma crucial, na configuração edípica a noção de *sacrifício, intrinsecamente ligada tanto a lei como a desejo*. Os três elementos do triângulo edípico são a *lei* (do pai morto), o *desejo* (pelo objeto perdido) e a *identificação* (com o pai e a mãe). É o desequilíbrio fundamental entre os três pontos do triângulo que dá origem à tragédia da configuração edípica. A lei é a lei do pai morto, que, por definição, ultrapassa os indivíduos biológicos em questão. O desejo é, na sua origem, uma representação daquela relação fundamental, erótica, “sensual” (para usar a terminologia final de *Moisés e o monoteísmo*) com a mãe inatingível. A identificação é o que insere a criança na cadeia cultural. Esta contém a ameaça da castração, a falta simbólica de um objeto imaginário. Meninos e meninas são também inscritos de forma diferente nesse polo. Isso se expressa claramente na história bíblica do sacrifício de Isaac por Abraão, e também no

12 *Guérir du mal d'aimer (Curar do mal de amor)* é o título evocativo do livro de Jean-Claude Rolland (1998).

ritual da circuncisão, no qual uma parte da sexualidade do filho é excluída para sempre do campo das inter-relações humanas (ver Capítulo 3 deste volume).¹³ Segundo Freud, as origens da sociedade enfatizam o controle que o ser humano precisa exercer sobre sua sexualidade e desejo, excluindo a força e a violência.

O desenvolvimento do complexo de Édipo (em nossos pacientes e modelos teóricos) e o abandono das fantasias incestuosas exigem que o indivíduo se confronte com o desejo (dele ou dela) de matar o pai, ou “espancar o pai”, como no sonho de Patrick. Inicia-se então o processo de luto. O objeto deve ser perdido para que possa ser representado, como ilustrado por Freud na análise do jogo *fort-da* (1920a). Como Winnicott sugeriu, “a destruição de um objeto que sobrevive, que não reage ou desaparece, leva ao uso” (1969, p. 245).

O processo analítico recapitula a narrativa do complexo do pai morto. De formas diferentes, as análises de Karl e de Patrick mostram a luta de cada um deles para construir uma estrutura em que há um lugar para o pai morto. Karl habitava um mundo onde ele se vivenciava como à mercê do desejo da mãe e no qual não havia sequer o delineamento de um lugar para o pai. A violência era a tentativa de Karl de colocar um obstáculo no caminho da mãe e criar separação. A configuração de Patrick era diferente, e sua análise levou ao aparecimento de seu desejo de espancar o pai até a morte.

O complexo do pai morto é uma condição inerente a toda análise, e não apenas está presente na abstinência (sacrifício) tanto do analista como do paciente, como encontra sua expressão final no término da análise, quando ambos, analista e paciente, precisam

13 Já no longínquo século XII o filósofo judeu Maimônides apontou as restrições sexuais impostas aos homens judeus por intermédio do ritual da circuncisão (Maimônides, 1963). Ela expressa a inserção da sexualidade no domínio da cultura.

renunciar ao desejo imaginário de seu relacionamento para que a cadeia simbólica (identificação) possa se perpetuar.

Outras considerações

Um exemplo de uma aplicação apropriada dessa diferenciação entre o *pai narcísico* (*assassinado*) e o *pai morto* pode ser encontrado em minha interpretação do artigo de Francis Grier sobre *La Traviata* (2014). A ópera baseia-se na história de *A dama das camélias*, de Alexandre Dumas. No coração da ópera está a história de um amor verdadeiro frustrado pela interdição do pai (Giorgio Germont): Alfredo apaixona-se por Violetta, uma cortesã de alto nível.

Violetta vem a corresponder ao amor de Alfredo, e o casal vive junto na periferia de Paris. Um dia, Violetta recebe a visita inesperada do pai de Alfredo, Germont. Ele quer que ela rompa o relacionamento com seu filho, por causa de seu passado.

Grier identifica uma transformação que se opera em Germont ao encontrar Violetta: “Tudo muda dramaticamente quando Giorgio Germont inesperadamente entra e confronta Violetta com as consequências mais amplas do prolongado caso amoroso entre ela e seu filho: seu *status de prostituta* significa que o filho dele não conseguirá se casar” (Grier, 2014, p. 2, grifos meus). Grier cita Kerman (2006, p. 30), que sugere que em uma ópera a música transforma a trama. A música mostra que a atitude de Giorgio com Violetta passa de uma quase crueldade para a ternura, e essa ternura permite *a ele aceitá-la como sua filha*. Grier comenta que Giorgio “sai do encontro como um personagem diferente” (Grier, 2014, p. 3). Ele descreve de forma bela o significado dessa transformação, transmitida principalmente pela música mais do que pelo texto. À luz dos conceitos desenvolvidos neste livro, podemos compreender essa mudança como expressão da passagem da estrutura do

pai narcísico, o pai que deseja ter todas as mulheres para si (todas as prostitutas), para o potencial pai morto (simbólico), o pai que é capaz de aceitar que o filho possa escolher sua mulher, que institui a genealogia e a filiação. Giorgio Germont passa a ter sentimentos paternos por Violetta, o que torna possível aceitá-la como mulher de seu filho.

Darth Vader: Star Wars

Podemos considerar que o imenso sucesso da série *Star Wars* está ligado ao fato de que os filmes contêm em si a estrutura de fantasias universais inconscientes. Vale lembrar ao leitor a trama principal, não apenas em virtude da principal fantasia – a do pai todo-poderoso, narcísico, que precisa ser derrotado –, mas também do movimento entre presente e passado, bem como da retratação do passado em termos de *après-coup* à qual nós, como público, somos expostos na sequência dos filmes.

Luke Skywalker e seus amigos querem matar e destruir Darth Vader. Ele é o mal e, além disso – o que é desconhecido por Luke e por nós também –, é pai de Luke. O fato de ele ser pai de Luke só foi revelado alguns anos depois, em uma sequência que divulga essa informação. Mesmo assim, fica em aberto certa ambiguidade quanto à sua veracidade; e será somente vinte anos depois do lançamento de *Star Wars*, quando o diretor começa a lançar uma segunda trilogia com a história anterior à trilogia original, que saberemos, *après-coup*, os fatos sobre a origem de Luke.

Essa segunda trilogia mostra a educação de Anakin Skywalker, que acreditava ser “O Escolhido”, anunciado pela profecia Jedi para trazer equilíbrio à Força. O restante da segunda trilogia narra a queda de Anakin para o lado negro. Anakin e Padmé

apaixonam-se, e ela fica grávida. Logo Anakin sucumbe ao ódio, tornando-se Sith Lord Darth Vader. Vader participa do extermínio da Ordem Jedi, que culmina no duelo de sabre de luz com Obi-Wan. Após derrotar seu antigo aprendiz, Obi-Wan deixa Darth Vader à beira da morte – mas ele é salvo logo em seguida e colocado numa armadura preta que o mantém vivo.

A trilogia original começa dezenove anos depois desses acontecimentos, quando Vader se aproxima do término da construção da imensa estação espacial Death Star, que lhe permitirá reprimir a rebelião que se formou contra o império do mal. Obi-Wan começa a treinar Luke contra a Força, porém morre em confronto com Vader durante o resgate de Leia, irmã de Luke.

Luke descobre que terá que enfrentar o pai antes de poder se tornar um Jedi, e confronta Vader. O filho derrota o pai em um duelo de sabre de luz e é capaz de convencê-lo de que ainda existe algum bem nele. Vader sucumbe aos ferimentos, e a liberdade é restaurada na galáxia. Matar o pai liberta o filho.

Como apontou Stuart Taylor (2009), o filme evoca o mito do pai morto. Também pode ser visto como ilustração da fantasia do “pai assassinado”. O pai narcísico precisa morrer para que o menino possa crescer e encontrar seu lugar na cadeia de gerações.¹⁴

É interessante notar que um dos principais elementos de *Star Wars* é a “Força”, uma forma onipresente de energia que pode ser explorada pelos possuidores de habilidades especiais. No primeiro filme, é descrita como “um campo de energia criado por todas as coisas vivas que nos cerca, penetra e une a galáxia”. A Força permite aos que a usam realizar uma variedade de tarefas sobrenaturais, e pode também amplificar certos traços físicos, como velocidade e

14 No Capítulo 2, um sonho de um de meus pacientes leva a associações com essa série de filmes.

reflexos: essas capacidades podem ser aumentadas por treinamento. Embora a Força possa ser usada para o bem, ela tem um lado negro que expressa ódio, agressão e malevolência. A Força pode ser compreendida como expressão da presença das pulsões no aparato psíquico, que de fato podem ser usadas a serviço da vida ou da morte.¹⁵

15 A ideia de “força” como componente das pulsões pode ser encontrada ao longo de toda a obra de Freud. Para dar dois exemplos: “Vamos ser claros sobre este ponto. Retraçar um sintoma histerico de volta à cena traumática ajuda nossa compreensão apenas se a cena contemplar duas condições: se possui a relevante *aptidão para servir como um determinante* e se reconhecidamente possui a *força traumática necessária*” (Freud, 1893, grifos meus). “Mas não é o sucesso terapêutico que buscamos em primeiro lugar; queremos, isto sim, pôr o paciente em condição de apreender seus desejos inconscientes. E obtemos isso apresentando à sua consciência, *com nossas palavras*, o complexo inconsciente, a partir dos indícios que ele nos traz e com a ajuda de nossa arte interpretativa. O quê de semelhança entre aquilo que ele ouviu e aquilo que ele procura, que, apesar de todas as resistências, quer chegar à consciência, põe-no em condição de achar o inconsciente” (Freud, 1909a, p. 255).

Este livro examina a construção progressiva da noção de função paterna e sua relevância para a psicanálise. A distinção entre o *pai assassinado (narcísico)* e o *pai morto* é considerada um paradigma para a compreensão de diferentes psicopatologias, bem como de obras literárias, da antropologia e de acontecimentos históricos. São introduzidos novos conceitos, como “*um pai é espancado*”, e uma distinção entre o *après-coup* descritivo e o *après-coup* dinâmico, inaugurando uma compreensão psicanalítica da temporalidade. O livro inclui uma reflexão sobre como os conceitos de *instinto de morte* e de *negativo* podem auxiliar a compreensão de Auschwitz, um momento que a autora caracteriza como “o assassinato do pai morto”.

A obra é uma importante referência intelectual e clínica e será leitura obrigatória para psicanalistas, psicoterapeutas, antropólogos e historiadores, bem como estudantes de todas essas disciplinas.

PSICANÁLISE

ISBN 978-65-5506-063-8



9 786555 060638



www.blucher.com.br

Blucher



Clique aqui e:

[VEJA NA LOJA](#)

Pai Assassinado, Pai Morto Revisitando o complexo de Édipo

Rosine Jozef Perelberg

ISBN: 9786555060638

Páginas: 344

Formato: 14 x 21 cm

Ano de Publicação: 2021
